

“Sem comboio, o Museu Arqueológico do Côa pode ser um elefante branco”

Presidente da Câmara de Figueira de Castelo Rodrigo não compreende como o Governo pode recuar no investimento

CARLOS CIPRIANO

“Estou apreensivo e confuso”, disse ao PÚBLICO o presidente da Câmara de Figueira de Castelo Rodrigo, António Edmundo (PSD), face à notícia de que o Governo não se compromete com a reabertura da linha Pocinho-Barca de Alva, ao contrário do que afirmara uma semana antes a ministra da Cultura.

“O Museu do Parque Arqueológico do Côa pode ser um elefante branco em vez de um investimento âncora para a região se não for servido por via-férrea. A própria ministra disse que as acessibilidades para aqui seriam o barco e o comboio”, disse o autarca, que não compreende como pode o Governo recuar num investimento destes.

As gravuras do Côa têm tido dezenas de milhares

de visitantes por ano, muito aquém das centenas de milhares previstas inicialmente, frisou António Edmundo. Ora, a Linha do Douro tinha um apeadeiro no Côa que fica exactamente no mesmo local onde vai ser construído o museu, que coincide também com a margem do rio. A acessibilidade não poderia ser melhor para quem vai visitar o parque arqueológico – o barco e o comboio, ideias para fazer turismo.

A ovação que se seguiu ao anúncio de Isabel Pires de Lima de que a linha seria reaberta espelha o sentimento da população acerca daquela infra-estrutura que foi encerrada em 1988. Do ponto de vista afectivo, o regresso do comboio é mais importante para as pessoas do que o Museu do Côa, mas mesmo que as afectividades pouco contem no que diz respeito ao investimento público, o presidente da câmara diz que agora estão reunidas as condições para a reabertura da linha ser viável porque ela é “simplesmente imprescindível” para a, também, viabilidade do museu.

“Estamos no centro de vários patrimónios mundiais”,

disse, exemplificando com o Parque Internacional do Douro, o Parque Arqueológico do Vale do Côa, Salamanca Antiga e Ávila. Mas, curiosamente, os estrangeiros que têm vindo à região e que fazem turismo fluvial raramente são espanhóis, mas sim franceses, ingleses ou suíços que vêm do Porto, onde chegaram de avião.

De Espanha a situação poderá mudar quando for reaberta a linha entre Salamanca e a fronteira de Barca de Alva, o que torna ainda mais premente que se faça o mesmo do lado português.

O autarca anunciou que vai alargar o cais fluvial de Barca de Alva e contou que chegam por vezes a estar cinco navios ali atracados, mas que os turistas dormem todos nos barcos. “Se eu tivesse um hotel na estação de Barca de Alva [um projecto antigo da autarquia] eu conseguia tirar as pessoas para terra e acrescentar algum valor à sua visita”, disse.

“A coesão territorial não é só a Ota e o TGV”, concluiu, insurgindo-se pela não realização de um investimento que, à escala nacional, é até relativamente reduzido. ■